

Pregão Acadêmico

Recitado em 5-XII-921 pelo aluno do 7.º ano de Letras

Artur Francisco do Couto



PREGOEIRO



AUTOR

A' saudosa memória de todos os Poetas que, desde remota data, compuzeram Pregões para as festas Nicolinas. A A A A A

Ó Vales que já estais dormindo o eterno sono
Na terra sepulcral, em gélido abandono,
Eu venho hoje invocar vosso inspirado estro
A fim de que me sirva, ao menos, de bom sestro!
Dai-me o gênio brilhante e a fina bizzaria
Da vossa luminosa e estranha fantasia!
O espirito facêto, a graça sempre nova
Que vos acompanhou até á triste cova,
Para que este Pregão, qual dum poeta imberbe,
Não tenha sorte igual ás rosas de Malherbe.
Se alguma coisa há que o auxilia um pouco
E' nêle palpitar um coração tão louco!
—Tão louco... por amar a terra em que nasceu.
Pois se este mundo é o inferno, á certa aqui é o ceu!
Desde Sarmiento e Braulio até João de Meira
Houve sempre uma alma airosa e prazenteira,
Cantando Guimarães e a festa Nicolina
E usando, como nós, esta capa e batina.
Ensinai-me, por isso, ó Poetas saudosos,
Vossas rimas astrais e versos sonorosos,
A ver se Nicolau, olhando de soslaio,
Julga escutar ainda o nosso bom Sampaio!...

Minha terra! meu berço! eu quero aqui morrer!
Tu me dás alegria e fazes-me sofrer!
Visie-me mal nasci, criancinha de mama,
E agora vês, em mim, quem só te quer e ama!
Para que hei-de volver os olhos para o mundo,
Se, em ti, tudo me fala ao coração, bem fundo?!
Eu pecarei talvez em dizer o que sinto,
Mas cizer o contrário, não, porque não mintol!
Eu não me importa até que digas mal de mim,
Contanto que eu te adore, como adoro, assim!
O meu maior desejo (e é isto o que te peço)
E' que sigas na esteira ardente do progresso,
Quando vejo cruzar-te enormes camions,
Que estremecem o solo com ruidosos sons,
Fico-me boquiaberto, extático e feliz,
Julgando-me em New-York, Londres ou Paris!...
Fazes festas de arromba e belas recepções
A quem satisfizer as tuas ambições...
A' policia — modêlo! — envergas fardas novas,
Que fazem brouhaha desde Paçô a Covas,
E com que ela costuma efectuar prizões
Ai... em qualquer tasca, aos grandes cangirões!
Tudo isto é verdade, entanto ha muita cousa
Que a boca proferir, muitas vezes, não ousa:
Se me ponho a pensar no precioso *tezouro*,
Involuntariamente, até quasi que choro
Por não poder saber, como era meu intento,
Se fica no *Cabido* ou em *Martins Sarmiento*,
Oh que pena me faz essa *Colegiada*,
Sem ter já D. Prior, nem Conegos, nem nada...
Sómente, muito triste, sobre o seu altar,
A nossa Padroeira, para nós, a olhar!...
Não me leves a mal estas verdades cruas:
Nunca mandas varrer o lixo pelas ruas,
De modo que, amiudo, cheios de arrelia,
Fugimos para a Penha a tanta porcaria!...
Se não valerem nada estes reparos meus,
Faze a vontade, ao menos, ao João de Deus.
E a célebre questão, essa questão do *hotel*
Que a *nova comissão* da Penha traz de fel,
Porque, entre mil *projectos*, só o que a amolina
E' não poder mandar embora a Ludovina?...
Eu não quero ouvir, a quem vem de viagem,
Dizer que — Guimarães é uma terra selvagem!
A cada passo se ouve uma boca medonha
Que até nos faz córar e encher-nos de vergonha.
Teu povo sabe bem, de termos não há mingua:
Porque fala tão mal? — que dobre mais a lingua.

Só te aconselho bem e nenhum mal te quero.
Se me recriminares foi por eu ser sincero.
Há tempos para cá, mal principia a noite,
Mete-se tudo em casa e teme algum açoitê.
Porque se dá o caso que o Snr. Jordão
Manda sempre apagar a iluminação...
Uns dizem para ai que não tem energia,
Outros que chega até para acender de dia...
Só digo, francamente, em meio deste embróglio.
—Livrai-nos, santo Deus, de voltar ao petróleo!...

Toda a vida embirrei com isto de politica,
Mas vejo, cada vez, que a *coisa* está mais critica.
Por isso aqui protesto, e não discuto mais,
Contra esses matadores e brutos canibais
Que sem consciência alguma e com um gesto á tôa,
Envolveram de luto essa triste Lisboa!...

Distintos professores deste Liceu Central,
Não vos zengueis connosco, nem tomeis a mal
Que a gente se divirta assim todos os anos,
Ao menos uma vez... Vós não sereis tiranos
Se vos queixais de nós, façamos hoje as pazes.
Porque vós, afinal, tambem fostes rapazes!
Oh não sejais injustos com os vossos zelos,
Nem vós, Sanches velhinho, ou mesmo Vasconcelos.
Mais o Dr. Filinto ou o Dr. Moreira!
Com Pina não ha mal, que adora a brincadeira!

Turibulos do amor! vasos de fina essência!
Tende para o estudante um olhar de clemência!
Não o deixeis sósinho sem o vosso amor,
Senão cada momento é um século de dôr!...
A luz do vosso olhar, que tão fulgente brilha,
Não tem maior encanto em Nápoles ou Sevilha!
Em vão se andam a abrir *concursos de beleza*,
As eleitas sereis sempre vós, com certeza.
Eu queria saber tecer-vos madrigais,
Feitos com o fulgor dos astros virginiais,
E, ajoelhando ante vós, em êxtasis cristãos,
Depo-los, gentilmente, em vossas finas mãos!
Não tenho madrigais, mas maçãs rosadinhas
Para vos ofertar, ó célicas rainhas,
E que são, afinal, a pura encarnação,
Do amor que despertais em nosso coração!...

E vós, gemeas irmãs das florsitas do monte
Que ides, de canfarinha, buscar água á fonte,
E lá ficais a rir, em conversas garotas,
Porque a fonte parece mesmo um conta-gotas...
Oh decerto não ha nenhuma que resista
A' lei que vos obriga a irdes á revista,
Deixando lá ficar vosso fiel retrato
Tirado no *Machado* — porque é mais barato!...
Não vos acrediteis nas falas enganosas
Dos jovens caixeirinhos! Sede cautelosas.
Cada palavra é um laço e cada olhar um meio
Para vos seduzir o amor do vosso seio!
Tende cautela pois, e juizinho enfim,
Ah não vos fieis neles, crêde só em mim!...

Rapazes! aprontai as vossas maçanetas
Num hino triunfal ás nossas capas pretas,
Que desça até ao abismo e suba até aos ceus,
Clamando ao perpassar: *adeus! adeus! adeus!...

Jeronimo de Almeida.